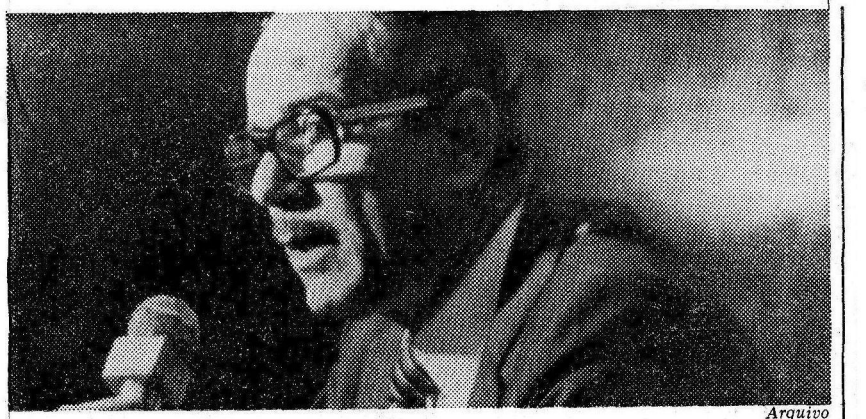

Arquivo

Galvêas admite que País pode precisar de mais créditos

Esperada, a reação dos EUA não causa surpresa

HUGO MARTINEZ
Nosso correspondente

BUENOS AIRES — A equipe econômica do governo argentino reagiu com relativa tranqüilidade à notificação dos Estados Unidos de que o Tesouro norte-americano decidiu não prorrogar a garantia de um crédito de US$ 300 milhões, necessários para que o país possa saldar, no próximo dia 28, o empréstimo de emergência obtido do Brasil, México, Colômbia e Venezuela e de um consórcio internacional de bancos, no valor de US$ 400 milhões. "Nós já contávamos com essa possibilidade, que não é interpretada pelo governo como indício de um agravamento das negociações com o FMI", disse ontem ao **Estado** um dos negociadores da dívida argentina.

A mesma fonte acrescentou que "existem causas naturais" pelas quais o país não espera uma rápida resposta do Fundo Monetário Internacional. Além disso, o diretor-gerente do organismo, Jacques de Larosière, estará no Canadá durante toda esta semana, o que significa que qualquer resposta à carta de intenção enviada pelo governo só ocorrerá depois do seu regresso. De acordo com o negociador ouvido pelo **Estado**, a retirada do aval norte-americano foi compensada por um crédito de renovação automática diária **(overnight)** oferecido pelos bancos credores, de forma que a medida "não causa um prejuízo decisivo à economia argentina".

O ministro da Economia, Bernardo Grinspún, insistiu em afirmar que o quadro de negociações não se alterou diante da suspensão da garantia de crédito por parte do Tesouro norte-americano. Ele se referia especificamente às negociações com os quatro países que "socorreram" a Argentina com o empréstimo de emergência, no último dia 31 de março. E anunciou que o governo entrará em negociações de boa fé com o Brasil, México, Colômbia e Venezuela, para determinar de que forma poderá ser feito o pagamento do empréstimo. "Até lá (dia 28) ainda há tempo para negociar", acrescentou.

Grinspún afirmou, ainda, que no decorrer desta semana manterá conversações com o presidente do Clube de Paris, Michel Candessus (que chegou ontem a Buenos Aires) e não quis comentar o oferecimento dos bancos privados de conceder ao país os US$ 300 milhões destinados ao resgate do empréstimo de emergência.

Segundo o negociador da dívida argentina, entrevistado pelo **Estado**, o país dividiu "cirurgicamente" a negociação em dois aspectos: ante o FMI, adotou uma decisão inusitada, de tentar um acordo direto com a diretoria do organismo e, aos bancos privados, apresentou um plano de pagamento para os débitos que vencem no próximo dia 30. "Se os bancos insistirem que o acordo com o FMI é condição prévia para receber o nosso cheque, isso será um problema deles", disse.